

Nova Iorque, ou: Da super-abundância.

A última gota que faz transbordar o copo caiu há tempos, e agora está gotejando, chovendo, chovendo a cántaros, para alimentar as enchentes que inundam a paisagem. As enchentes das informações supérfluas. As galerias na Madison Avenue transbordam de obras de pintores famosos, e as do Village de obras de pintores que querem ser famosos. Livrarias como Barnes and Noble derramam a maré de livros de bolso alfabeticamente ordenados, livros que contêm a produção intelectual dos últimos decênios, afim de distribuírem, a baixo custo, tal produção por entre os pretensos receptores que lá perambulam como ovelhas perdidas. As incontáveis vitrines de lojas transbordam de objetos novíssimos e antiquíssimos da cultura ocidental, e das demais culturas que querem penetrar a nossa, afim de decompô-la de dentro. As universidades, laboratórios e os institutos transbordam de pesquisadores bem equipados que concorrem uns com os outros afim de abrirem sempre novos campos ao conhecimento e à ação no terreno das ciências da natureza e da cultura. Toda superfície disponível, seja parede, vagão de metrô ou asfalto de rua, está sendo coberta de textos e imagens "criativos". Inúmeros museus sugam conhecimentos e obras do passado esquecido ou semi-esquecido, e de regiões exóticas, afim de derramarem tudo isto sobre a cena. Em incontáveis cartos e esconderijos dança-se, fotografa-se, video-se, filma-se, faz-se ginástica, poesia, música, teatro. Novas religiões surgem do solo quais cogumelos, e religiões antigas e exóticas vão sendo ressuscitadas. Todo tipo de revolução política, social ou sexual vai sendo propagado. Jamais coisa comparável existiu, nem sequer na Alexandria do helenismo.

Pois tal dilúvio de quantidade e qualidade é por certo desesperador, porque ilustra a futilidade de todo empenho criativo. Como se nossa cultura estivesse sufocando por excesso, e como se estivesse ficando supérflua de dentro para fóra. Mas querer destarte classificar Nova Iorque sob o título "declínio do Ocidente" não seria a atitude correta. Porque Nova Iorque não é apenas devastador, mas igualmente desafio. Desafio de mudarmos de atitude face a nossa cultura, e sobretudo face à criatividade. Nova Iorque exige de nós que repensemos nosso engajamento em cultura. E isto é desafio difícil, porque exige que abandonemos certos valores fundamentais, os valores "progressistas".

Trata-se, em Nova Iorque, da discrepância entre informações disponíveis e a capacidade humana de digeri-las. Da discrepância entre o New York Times e a nossa capacidade de lê-lo. O desafio novaiorquino não é de escrevermos artigo para o New York Times, na esperança desesperada de vê-lo publicado, lido e ruminado pelos novaiorquinos. É pelo contrario desafio de tentarmos fazer com que o New York Times, e a cidade de Nova Iorque, e a cultura ocidental como um todo, voltem a serem legíveis. É desafio, não para acrescentarmos mais informações às já disponíveis, mas para tornarmos significativas as informações já disponíveis. Isto é: desafio para discriminarmos entre as informações que nos inundam.

Para recorrer a terminologia da cibernética e da informática, dessas disciplinas tão características da atualidade: Nova Iorque é desafio, não para produzirmos e armazenarmos informações, mas para processarmos os dados disponíveis. Nova Iorque

é desafio concreto para analisarmos e manipularmos memórias, não para aumentarmos e alimentarmos as memórias já existentes. Para analisarmos todas as memórias, não apenas as "novas", como as dos computadores. Para analisarmos sobretudo as "velhas", como o são os livros, as exposições, os museus, os cérebros confusos e sobrecarregados com informações inúteis. Em outros termos: Nova Iorque é desafio de procurarmos "relembrarmos" criticamente. De criticar-mos, não de criarmos.

Pois isto exige de nós mudança radical de atitude. Revolução da direção dos nossos olhares. Devemos olhar, não mais para fora, mas para dentro. Não mais para o além dos horizontes, afim de ampliarmos o campo, mas rumo ao centro, afim de dar significado ao campo já "conquistado", (vivenciado, conhecido, manipulado). Não devemos mais querer adquirir, mas consolidar o adquirido. Nova Iorque prova que avançamos longe demais e depressa demais no passado recente, e que devemos procurar retificar tal erro fatal, sob pena de sermos inundados e sufocados. Mas isto implica que devemos abandonar os valores "progressistas". Que não mais devemos valorar o "novo" mais que o "velho", e o "moderno" mais que o "antiquado". Que devemos deixar de ser "modernos". Que a "época moderna" pertence ao passado.

Por consolação nossa possuímos modelo para tal mudança de atitude face ao mundo e a nós próprios, mudança que substitui o progresso por crítica: o modelo socrático. Para Sócrates, como para nós, a memória é o problema central, embora em sentido diferente do nosso. E Sócrates, como nos, advoga a relembração como método para alcançar a sabedoria. Destarte, em última análise, a super-abundância novaiorquina é lembrete concreto do significado original de "sabedoria".